

EDUCAÇÃO MUSICAL: (re)pensando a formação docente de pedagogos(as)

Comunicação

Patrícia Lima Martins Pederiva
Universidade de Brasília/UnB
pat.pederiva@gmail.com

Daiane Aparecida Araújo de Oliveira
Universidade de Brasília/UnB
daiane.aao@gmail.com

Elisângela Moreira Peraci
Universidade de Brasília/UnB
elismope@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo abordar a centralidade das experiências e das vivências como guias no processo de formação de professores para a atuação em educação musical. Para isso, compartilha-se experiências educativas com estudantes da disciplina Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, do departamento de Métodos e Técnicas no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB. A lente epistemológica do trabalho, a Teoria Histórico-Cultural, auxiliou a organizar espaços de reconhecimento e acolhimento das vivências e experiências de futuros(as) pedagogos(as). Ao iniciar a disciplina os(as) estudantes costumam negar, ou simplesmente não reconhecem suas musicalidades, possibilidades e potencialidades em educação musical, seja por não se reconhecerem como pessoas musicais, ou por não serem especialistas em música. Entretanto, ao longo da disciplina foi desenvolvido um trabalho vivencial de (re)educação das musicalidades dos(as) educandos(as), por meio do resgate de suas experiências musicais imersas na cultura, e pelo exercício de reconhecimento das vivências que são comumente negligenciadas tanto no âmbito acadêmico, escolar e/ou social. O espaço organizado em sala de aula propiciou a descoberta e redescoberta das musicalidades, das potências criadoras e do exercício de reconhecimento de si e do que permeia a musicalidade, e o próprio processo do fazer pedagógico dos(as) estudantes. Com isso, evidenciou-se que a organização de espaços de formação docente com centralidade nas experiências e nas vivências de docentes e/ou futuros(as) docentes é um possível caminho para uma constituição profissional mais potente.

Palavras-chave: formação docente, pedagogia, educação musical.

Formação docente para atuação de pedagogos(as) em educação musical

Este artigo objetiva, sob os pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, abordar a importância das experiências e das vivências como guia do processo de formação de professores(as) para a atuação em educação musical. Para isso, partilhamos experiências educativas com a formação de futuros(as) pedagogos(as), discentes do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB, no âmbito da disciplina Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, do departamento de Métodos e Técnicas. Almejamos que tanto na formação docente, na Educação Superior ou formação continuada, quanto na Educação Básica, as experiências e as vivências sejam consideradas como força motriz dos desenvolvimentos dos(as) educandos(as).

As práticas de formação de professores(as) nos conduzem a alguns modos de organização de espaços e tempos que centralizam, em seu escopo, a necessidade de um aprofundamento teórico, a partir de/com/para a prática pedagógica. No entanto, distanciam-se, ainda atualmente, de práticas que se relacionam com as experiências e as vivências das pessoas que integram esse processo formativo, ou seja, dos(as) próprios(as) docentes e/ou futuros(as) docentes.

O distanciamento das experiências e das vivências nos processos educativos não é exclusividade de práticas de formação docente, tendo em vista que está presente desde a mais tenra infância, ainda na primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil. Sendo assim, é necessário repensar de que modo a educação, em todas as suas etapas, níveis e modalidades, tem sido organizada, para que possamos guiar o desenvolvimento, não somente de um(a) estudante, mas de um ser humano potente, por princípio, que precisa das relações sociais-culturais para se desenvolver em integralidade, inclusive no tocante à sua musicalidade.

Do mesmo modo que professores(as) precisam refletir a respeito de suas práticas pedagógicas, na Educação Básica, é urgente repensar de que maneira a própria formação docente na Educação Superior ou formação continuada, tem acontecido, sobretudo, no âmbito da atuação de pedagogos(as) em educação musical, tendo em vista que muitas vezes se sentem menos importantes que os especialistas em música.



É preciso, essencialmente, aproximar e reaproximar os(as) futuros(as) pedagogos(as) de suas próprias singularidades, para que a partir disso, sentidos e significados sejam atribuídos por eles(as) aquilo que está sendo organizado com uma intencionalidade (re)educativa.

Experiências e vivências na Teoria Histórico-Cultural

A Teoria Histórico-Cultural de Lev Semionovich Vigotski (1896-1934) destaca-se, na contemporaneidade, por sua atualidade¹. Em diversas de suas obras, é notável como o conceito de experiência é central para o desenvolvimento humano, portanto, é essencial para a organização de práticas pedagógicas. Ao definir a palavra experiência, o autor diferencia-a em três tipos: as experiências individuais, aquelas vividas diretamente por uma pessoa; as sociais, como aquelas compartilhadas por outrem, mas que passam a ser nossas a partir do momento em que tomamos conhecimento delas; e, as experiências históricas, aquelas vividas na história da humanidade e que nos apropriamos na cultura (VIGOTSKI, 2018a).

A importância da experiência é tanta para a vida das pessoas, que Vigotski (2003, p.75) afirma ser ela “o único educador capaz de formar novas reações no organismo”. Para as pessoas, só é real o vínculo de sua própria experiência. Por isso, afirma ainda o autor, que “a experiência pessoal do educando transforma-se na principal base do trabalho pedagógico” (VIGOTSKI, 2003, p.75).

Dessa forma, como afirma Vigotski (2003), o papel do(a) professor(a) é o de organizar o meio social em todas as suas complexidades, não somente o meio físico, mas, sobretudo, o relacional. No entanto, Vigotski diferencia educação e (re)educação², sendo a primeira específica para crianças; e a segunda, para adultos (VIGOTSKI, 2003). Cabe ressaltar que, independentemente do(a) educando(a) ser criança ou adulto(a), cabe ao(à) professor(a) a função de organizar o espaço social, para que as vivências e emoções dos(as) estudantes

¹ Ressaltamos que, em Brasília, onde a disciplina é ministrada, a Teoria Histórico-Cultural é uma das bases do currículo da rede da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF).

² Nas obras de Vigotski, principalmente em Psicologia Pedagógica (VIGOTSKI, 2003), é possível evidenciar as diferenças entre educação e (re)educação. Estudiosos contemporâneos têm se dedicado a aprofundar o conceito de (re)educação sob o viés histórico-cultural.

possam ser visibilizadas, juntamente com toda a potência humana que os corpos possuem, tal como afirma Spinoza (2017).

Além do conceito de experiência, Vigotski (2018b) nos apresenta outro importante conceito, o de vivência. Para a Teoria Histórico-Cultural, o meio e as pessoas relacionam-se em uma unidade chamada de vivência, que é:

Uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia- a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa, e, por outro lado, como eu vivencio isso. Ou seja, as especificidades da personalidade e do meio estão representadas na vivência: o que foi selecionado do meio, os momentos que têm relação com determinada personalidade e foram selecionados desta, os traços do caráter, os traços constitutivos que têm relação com certo acontecimento. Dessa forma, sempre lidamos com uma unidade indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação que está representada na vivência (VIGOTSKI, 2018b, p.78)

Vivenciar o mundo é, em suma, ser o próprio mundo, tendo em vista que a relação da vivência é uma unidade pessoa-meio. As experiências individuais, sociais e históricas marcam as pessoas, influem seus processos de desenvolvimento, constituem suas personalidades, as transformam e, com isso, constituem-se, nessa relação, vivências.

Experiências e, sobretudo, vivências, nos convidam a trazer à baila outro fundamento importante da teoria vigotskiana que não deve ser desprezado dos processos (re)educativos de formação docente. Com base na filosofia spinozista (SPINOZA, 2017), a Teoria Histórico-Cultural concebe que as emoções não podem ser consideradas menos importante do que a razão, a mente ou o pensamento. Razão e emoção devem ser compreendidas em unidade e devem constituir o fundamento do processo educativo. Segundo o autor, antes de organizar um espaço educativo, o(a) professor(a) precisa compreender que toda, e qualquer prática pedagógica, é marcada pela relação afeto-intelecto (VIGOTSKI, 2003). Todo ato educativo afeta os seres humanos em unidade, a unidade afeto-intelectiva. Para o autor, aquilo que desconsidera os afetos “[...] é conhecimento morto, que mata qualquer atitude viva com relação ao mundo” (VIGOTSKI, 2003, p.121).

É de suma importância a organização do espaço de formação docente pautada nas experiências e nas vivências, não somente para a (re)educação de si, como também para possibilitar a organização de espaços educativos de forma a potencializar o desenvolvimento



humano em integralidade. Por isso, na intencionalidade de engendrar um espaço educativo coerente com o que propõe a teoria vigotskiana, a disciplina Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, é organizada com centralidade nas experiências e nas vivências dos(as) futuros(as) pedagogos(as) envolvidos no processo educativo, todos(as) discentes do curso de Pedagogia, para a atuação em educação musical.

Durante a disciplina buscou-se criar estes espaços para a (re)educação dos(as) futuros(as) pedagogos(as), ou seja, “a reelaboração profunda, a reorganização dos sistemas de reações já existentes” (VIGOTSKI, 2003, p.81), enfim, a formação de novos sentidos e significados para as vivências anteriores. Considerando a importância das experiências de cada futuro(a) pedagogo(a), organizou-se um espaço que propicia a (re)educação e formação de novos sentidos e significados sobre suas próprias experiências. Assim, os(as) discentes podem se relacionar de modo potente consigo, com suas singulares e, a partir disso, com os fundamentos educativos que desejam engendrar em suas ações pedagógicas. Dessa forma, podem, inclusive, organizar outros espaços educativos, que centralizem as experiências e as vivências como, por exemplo, em seus estágios docentes, porque como afirma Vigotski:

Na base do processo educativo deve estar a atividade pessoal do aluno, e toda a arte do educador deve se restringir a orientar e regular essa atividade. No processo de educação, o professor deve ser como os trilhos pelos quais avançam livre e independente os vagões, recebendo deles apenas a direção do próprio movimento (VIGOTSKI, 2003, p.75)

Ou seja, é importante considerar a influência do meio no desenvolvimento do(a) futuro(a) professor(a). E, se o meio desenvolve o papel de fonte de desenvolvimento, como afirma Vigotski (2018b), é imprescindível organizar um meio pedagógico que desperte a potencialidade humana, e isso somente é possível se partirmos da experiência que todos(as) possuem, relacionando-a diretamente com suas vivências.

Organizando espaços de enraizamento das experiências e das vivências no processo educativo

A Lei nº 11.769/2008 torna obrigatório o ensino de música em todas as etapas da Educação Básica - Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio e, a Lei nº 13.278/2016, que alterou a norma anterior, inclui as artes visuais, a dança e o teatro, além da

música nos currículos da Educação Básica. Isso significa que a música é obrigatória desde a mais tenra infância, inclusive nos espaços educativos em que a atuação dos especialistas em música não é uma realidade. Com isso, de que modo pedagogos e pedagogas se constituem como profissionais para atuação nesta área? Esse questionamento tem permeado algumas reflexões de diversos pesquisadores da área (PEDERIVA, 2009; OLIVEIRA, 2020; MARTINEZ, 2017; AMORIM, 2017; PAULA, 2017), que buscam encontrar caminhos para potencializar a educação musical na Educação Básica, sobretudo, nas duas primeiras etapas: Educação Infantil e Ensino Fundamental (especificamente, os anos iniciais).

Ao preparar espaços para a formação de educadores(as), o maior desafio se refere ao modo como serão alcançados os objetivos da disciplina e, sobretudo, como, e se, essa organização fará sentido para os(as) futuros(as) docentes envolvidos neste processo (re)educativo. Por isso, buscamos a todo momento, relacionar teoria e prática, centralizando neste processo as experiências e as vivências, tanto aquelas ocorridas ao longo da vida, quanto aquelas organizadas no espaço de formação docente.

As ferramentas metodológicas da disciplina contemplam leituras e análises de textos e vídeos de atividades musicais, elaboração e experiências de práticas educativos-musicais, bem como criações musicais e, principalmente, vivências de práticas pedagógico-musicais. Algumas atividades organizadas durante a disciplina foram a escuta atenta, percepção, exercícios de criação musical; atividades de reflexão e discussão teórica, bem como a proposição de atividades musicais para espaços educativos com registro sonoro, e construção de instrumentos musicais. Independentemente da temática das aulas, o ponto de partida sempre está nas experiências dos(as) discentes, bem como suas vivências e emoções, constituindo, a partir disso, um espaço dialógico e colaborativo, sobretudo.

Todas as atividades estavam focalizadas em dois grandes eixos: as experiências e as vivências, e foi a partir dessa base que as práticas foram tomando sentido e significado para cada futuro(a) pedagogo(a). Oliveira (2022), estudante da disciplina, explicita bem estas vivências em seu trabalho de conclusão de curso, escrito a partir de suas vivências com a disciplina em questão:

Eu li, escutei com atenção, refleti, o que até então é de praxe, mas também cantei, relaxei, admirei, às vezes estranhei também, e nesses momentos questioneei já esperando uma resposta muito objetiva para me fazer sentir



um estraga prazeres, mas por algum motivo minha voz foi abrigada, e então eu chorei. Fui desarmado, e para me desarmar é necessário romper muitas barreiras que foram criadas com o passar dos anos na minha vida, e que nem eu mesmo fui capaz de entender (OLIVEIRA, p.12, 2022).

Em suma, a disciplina de educação musical foi organizada para propiciar uma conexão profunda de cada futuro(a) pedagogo(a) com sua própria história musical, muitas vezes negada ou comparada com um modelo hegemônico de musicalidade. Além do mais, o fazer pedagógico envolve conhecer, reconhecer e (re)educar-se a partir de suas vivências, que podem ser a força motriz da formação docente em potência, possibilitando práticas pedagógicas mais significativas.

O que dizem os(as) futuros(as) pedagogos(as)?

Durante os diversos semestres em que a disciplina é/foi ofertada aos(às) discentes, são/foram muitas as experiências partilhadas entre os(as) estudantes. Tais compartilhamentos acontecem de múltiplas maneiras, tanto oralmente, quanto por meio de registros escritos em papeis, criações artísticas (desenhos, músicas...) e, também, em Trabalhos de Conclusão de Curso oriundos das vivências na disciplina.

O caminho percorrido no espaço de formação docente em questão tem sempre como ponto de partida as experiências e as vivências, mas não significa que elas sejam o início o meio e o fim, no entanto, são a força motriz de toda intencionalidade educativa da organização do espaço educativo. Portanto, é a partir de/com essa força motriz que os(as) estudantes caminham por reflexões, concepções, conceitos e diálogos sobre educação musical. Partilharemos, abaixo, o que dizem os(as) futuros(as) pedagogos(as) sobre este processo de formação docente guiado por suas próprias experiências e vivências.

É comum, no início da disciplina, que os(as) estudantes não se percebam musicais e tampouco acreditem serem capazes de organizar um espaço educativo. Além disso, somente consideram como válidas as experiências institucionalizadas. Em geral, há uma distorção sobre o conceito de musicalidade, pois para uma parte dos(as) educandos(as), para ser musical é preciso primeiro passar pelo crivo e validação da institucionalização. As falas e os registros elaborados pelos(as) estudantes(as) da disciplina possibilitaram a análise sobre suas próprias experiências musicais, e a consequente validação e reconhecimento delas como importantes

no próprio processo de fazer educação musical. A partir disso, puderam se sentir mais seguros(as) para a atuação docente em espaços educativo-musicais. É sobre isso que compartilha Julia Lemos³, ex-estudante da disciplina:

[...] a princípio, pensei que experiência musical seria saber tocar um instrumento, saber ler uma partitura, e não, com a aula de hoje foi possível perceber que todos nós temos experiências musicais, e das mais variadas. Eu gostei bastante, pois me fez lembrar e refletir muito sobre esse assunto. (Julia Lemos – 2º semestre/2020)

É comum, na primeira aula, que os estudantes partilhem recordações sobre momentos da infância, quando escutavam música com a família, ou naqueles em que a música era o foco nas atividades da família ou de amigos. Muitas experiências sonoras da infância e do cotidiano são compartilhadas e, aos poucos, as e os futuros professores(as) foram validando tais experiências como atividades musicais e patrimônios singulares de musicalidade que se transformavam ao longo de suas vidas em vivências musicais, valorizando-as, sem colocá-las em detrimento às experiências institucionais. Dantas (2022), ex-aluna da disciplina, sobre esse processo, amplia esta discussão:

Diante de tais vivências exploradas, pode-se observar que nenhuma delas foi passada em uma instituição de ensino escolarizada, mas todas em contextos do cotidiano e espaços informais, ou seja, meu pai e eu fomos expostos a experiências sonoras que fizeram com que nossa musicalidade fosse aflorada e, antes mesmo de termos a consciência disso, estávamos acumulando conhecimentos musicais (DANTAS, 2022, p.22).

Durante as atividades, debates, discussões e dinâmicas realizadas com os(as) futuros(as) pedagogos(as) da turma de educação musical foi possível observar, não somente o reconhecimento de algumas vivências, mas principalmente a (re)educação dos sentidos e significados que cada vivência relacionada à música teve na vida do(a) futuro(a) pedagogo(a), sempre relacionada a sua emocionalidade.

É perceptível que a organização da disciplina proporciona uma vivência integral dos(as) futuros(as) pedagogos(as) envolvidos no processo. O fato de, em nenhum momento, a unidade afeto-intelectiva ser desprezada e, pelo contrário, ser evidenciada, fez com que

³ Todos(as) os(as) futuros(as) pedagogos(as) citados no texto assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a criação e publicação de artigos com a partilha de suas vivências.



os(as) estudantes pudessem se sentir seguros para participarem do processo formativo, como partilha outra ex-discente da disciplina:

Ter a oportunidade de falar sobre as minhas experiências musicais e escutar os outros colegas gerou em mim um sentimento de confiança e partilha sincera, gerando um ambiente suave, doce e muito afetuoso. (Aline Gomes – 2º semestre/2020)

Outra futura pedagoga, por meio de uma criação artística, expressou de que modo a disciplina a afetava, após o compartilhamento de diversas experiências musicais que ela e demais colegas possuíam, ela partilha que houve um reencontro consigo mesma:

Figura 1: Reencontro



Criação: Giovana Campos (2º semestre/2020)
Fonte: acervo das autoras.

Durante a disciplina, os(as) alunos concluíram que a música está muito presente em nossa vida de várias formas, ritmos, ferramentas e a presença da música marca momentos em nossas vidas, com pessoas, despertam emoções e vivências banhadas pelos sons de música, vozes, da natureza e de tudo o que houver. Os(as) futuros(as) pedagogos(as) se reencontraram com suas experiências musicais ocorridas ao longo da vida. Buscando reconhecer e validar cada uma delas. Nas palavras de Dantas (2022):

Apesar de ter passado por inúmeras vivências musicais, acreditei durante muito tempo que somente o ensino formal obtido em escolas formais seriam suficientes para me tornar um ser musical. Ignorando, assim, então, todo meu conhecimento adquirido através de minhas experiências informais ao longo da minha trajetória de vida (DANTAS, 2022, p.21).

A cada encontro, os(as) estudantes foram levados(as) a entender suas concepções, medos socialmente criados acerca da musicalidade e, conseqüentemente, sobre a forma como suas experiências musicais se transformavam em vivências ao longo de sua vida, por meio de suas experiências. Cada atividade, intencionalmente pensada e organizada, teve como finalidade criar novas vivências educativo-musicais, possibilitando, dessa maneira, que os(as) futuros(as) pedagogos(as) cogitassem a possibilidade de organizar espaços educativos em que as experiências dos(as) estudantes fossem a força motriz de seus desenvolvimentos.

A música e o desenvolvimento da musicalidade foram sendo reconhecidos, a cada aula, como uma possibilidade de todas as pessoas – o que antes estava distanciado dos(as) estudantes da disciplina, passou a se (re)aproximar. Enquanto futuros(as) docentes, essa (re)aproximação possibilita uma futura atuação docente com mais potência, a partir da concepção de que música e musicalidade não são apenas para poucos, mas para todos(as), é o que nos mostra Aline, em seu relato:

O encontro de hoje me deu a oportunidade de refletir sobre as inúmeras vezes que tive a minha exploração cortada para visualizar os instrumentos musicais apenas pelo viés convencional. O mais delicado é me dar conta que muitas vezes eu fiz a mesma coisa com os estudantes que cruzei ao longo desse tempo, podando suas criatividade. Sinto gratidão por estar construindo esse processo de desconstrução com vocês, onde são quebradas tantas amarras que me prendi ao longo da inserção no meio tradicional. Que eu possa ser uma educadora musical e não me deixar vencer pelas amarras que insistem em aparecer. (Aline Sousa, 2º semestre/2020)

A partir do reconhecimento da potência deste modo de organizar o espaço educativo, com experiências, vivências e emoções na centralidade, uma ex-discente da disciplina ressalta o desejo de, também, possibilitar uma educação que tenha estes fundamentos. A partir de sua própria experiência, ela identifica a potencialidade daquilo que viveu e que pode organizar aos(as) outros(as). Em suas palavras:

Ir além do tradicional, levando e ao mesmo tempo, trazendo o que seu aluno já viveu, já percebe, já sente, para que o conhecimento seja expandido e que



assim como acho belo aprender, que outros também tenham essa oportunidade. (Maria Esther – 2º semestre/2020)

Pouco a pouco, como espaço de formação docente, os(as) estudantes passaram a relacionar suas vivências pessoais ao longo da vida, e na disciplina, com suas atuações docentes, como Ariane compartilha:

A música é possibilidade, vibração e sentido. Quando eu estagiava em uma escola e acompanhava dois alunos com síndrome de *down*, eles amavam dançar e cantar, mesmo muitas vezes faltando o ritmo, eu incentivava eles, pois era algo que eles gostavam e esse é o papel do educador, dar a possibilidade de expressar e vivenciar a arte na educação. (Ariane Gomes – 2º semestre/2020)

Constituir-se professor(a) é um processo. No entanto, constituir-se um(a) professor(a) pedagogo(a) que organiza espaços educativos com a intencionalidade do desenvolvimento da musicalidade de seus(suas) estudantes é um processo carregado de desafios, pelas próprias experiências dos(as) professores(as) com suas musicalidades, como já explicitamos anteriormente. Portanto, neste processo de reconectar-se consigo mesmo(as) e modificar suas concepções e condutas como futuro(a) professor(a), demonstra que o modo como a disciplina é/foi organizada tem sido um caminho possível para uma formação docente potente.

Com a organização de aulas que buscam mostrar que o som e a música não estão nas coisas, mas em nós, e em como nos relacionamos com as fontes sonoras, os(as) estudantes concluíram que a técnica não está acima dos seres humanos, e que o importante é a forma como nos relacionamos com as coisas e/ou instrumentos. Além disso, muitos(as) alunos(as) se perguntaram sobre o modo como concebiam a si mesmos(as), muitas vezes de forma negativa e desacreditada frente a sua própria musicalidade. Essas representações que nos acompanham ao longo da vida, reforçadas pela cultura, nos levam a não acreditar no sentido de nossa musicalidade, desconectar-nos de nossas emoções. Oliveira (2022) expõe sua experiência na produção, reprodução e (re)educação de sentidos ao longo da disciplina, e enfatiza a necessidade de ter os sentimentos como base para que possa fazer sentido:

Como vinha dizendo, o parâmetro central será algumas das temáticas que me chamaram atenção no decorrer da disciplina, mas o verdadeiro assunto será o eu dentro e fora dela, usando - é isto mesmo que você está lendo -



alguns sentimentos como eixo para traçar esta trajetória. Afinal, se não puder usar esses sentimentos como base, não fará sentido para mim, e um dos ensinamentos mais importantes que apreendi durante a disciplina, para o entendimento do eu, Anderson Lima de Oliveira, é que é necessário fazer sentido, pois é daí que parte a expressão (OLIVEIRA, p.12, 2022).

Desse modo, os(as) futuros(as) pedagogos(as) perceberam-se potentes e mais preparados para a atuação em educação musical, o que antes da disciplina seria impossível. O caminho percorrido foi a (re)educação de suas próprias musicalidades, com a criação de novos sentidos e significados das experiências e vivências musicais, considerando as emoções envolvidas nesse processo. Com isso, ao final da disciplina, uma discente compartilha que se sente potente para ser uma pedagoga e atuar em música, e pronta para proporcionar aos(as) seus(suas) estudantes, experiências únicas:

Pedagogia e Musicalidade

A pedagogia nos ensina a compreender
Conhecimentos, especificidades e saberes que os estudantes podem ter

Sejam eles bebês, jovens adultos ou autistas
Cada um deles possui potencialidades artísticas

Mas eu não sou professora de música, o que fazer?
Como desenvolver uma potencialidade que eu não fui formada
especificamente para saber

Aí está a questão, eu como pedagoga conheço as potências humanas e
suas diversidades
E agora também sei que a musicalidade está em todos nós, independente
das idades

E além de estar em nós, está na natureza, no corpo, nos objetos e até no
defeito
Então não seria esse o casamento perfeito?

Se a musicalidade está em tudo,
Posso trazer ela ao nosso mundo

O mundo da educação de bebês, crianças e de todos
A partir das suas especificidades, podem explorar, criar e vivenciar música
"a rodo"

E assim, descobre-se a relação entre a pedagogia e a música
Podendo proporcionar dentro das instituições, experiências únicas



Criação: Viviane Borel (2º semestre/2020)

Fonte: acervo das autoras

Considerações finais

O modo como nossa sociedade se organiza nos conduz a experiências de vida que têm nos despotencializado. No campo da música, somos distanciados das nossas musicalidades e acreditamos não sermos capazes de criar música, ou vivenciar os nossos corpos musicais em toda sua potencialidade. Foi o que nos disseram os(as) futuros(as) pedagogos(as) que constituíram a disciplina de Educação Musical.

Organizar um espaço educativo em que as experiências, vivências e emoções são a força motriz do processo de formação docente é/foi um dos objetivos da disciplina. Buscar a história da musicalidade de cada futuro(a) pedagogo(a) e organizar um espaço de vivência da educação musical no espaço também é/foi um ponto focal de todo o trabalho pedagógico, tendo em vista que isso possibilita a elaboração e (re)educação de sentidos e significados.

A partir da fala dos(as) ex-discentes da disciplina, evidenciamos que essa força motriz potencializa o constituir-se professor(a) e, sobretudo, o constituir-se humano. A formação docente e as experiências/vivências/emoções não podem ser distanciadas, pelo contrário, precisam estar cada vez mais aproximadas, para que sejam atribuídos sentidos singulares aquilo que se viveu, e aquilo que se pretende organizar pedagogicamente. Isso quem demonstra não somos nós, mas os(as) ex-estudantes da disciplina, como compartilhamos neste texto.

É necessário, e urgente, repensar os espaços educativos como relações sociais entre seres humanos, para que o desenvolvimento e a humanidade de todas as pessoas sejam considerados não como um acúmulo de conhecimento, mas como uma relação entre o que se pretende ensinar/aprender e o mundo de experiências e vivências que cada pessoa tem, constituindo-se um patrimônio único de potencialidades.

Referências

AMORIM, Carla Patrícia Carvalho de. *Batuca bebê: a educação do gesto musical*. 2017. 150 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

DANTAS, A. de S. Francisca. *Eu, Francisca: Pedagoga e Educadora Musical*. Trabalho de conclusão de curso, graduação, Pedagogia. Orientadora: Patrícia Lima Martins Pederiva, 2022.

MARTINEZ, Andréia Pereira de Araújo. *Infâncias musicais: o desenvolvimento da musicalidade dos bebês*. 2017. 306 f., il. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

OLIVEIRA, Anderson de Lima. *Alma: Ensaio sobre música, vida e educação*. Trabalho de conclusão de curso, graduação, Pedagogia. Orientadora: Patrícia Lima Martins Pederiva, 2022.

OLIVEIRA, Daiane Aparecida Araújo de. *Educação musical: das vivências ao desenvolvimento da musicalidade de crianças*. 2020. 180 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

PAULA, Tatiane Ribeiro Moraes de. *Modos de vivência da musicalidade da pessoa surda*. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. *A atividade musical e a consciência da particularidade*. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

VIGOTSKI, Lev. Semionovich. *Psicologia Pedagógica: edição comentada*. São Paulo: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2018a.

VIGOTSKI, L. S. *Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia*. 1ª edição. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018b.

